

Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus

Benivaldo José de Araújo Júnior*

Resumo: *Um exame dos livros didáticos e manuais de espanhol como língua estrangeira nos mostra a pouca relevância dada às estruturas passivas nessas publicações, quando não sua total ausência. O mais freqüente é que não se fale de estruturas passivas, e sim de voz passiva, adotando-se a definição, classificação e usos presentes nas gramáticas prescritivas. Na contramão dessa abordagem simplista, propomos uma análise por meio da lingüística do corpus, partindo da hipótese de que os dados – amostras de uso real da língua, em grande quantidade – podem revelar outros usos e particularidades das estruturas passivas que nos auxiliem a compreender melhor o fenômeno.*

Palavras-chave: *estruturas passivas; espanhol; livros didáticos.*

Abstract: *It one takes a good look at books used for teaching Spanish as a foreign language, one will notice the little or no importance given to passive structures. What is usually seen is a presentation of “passive voice” not of “passive structures” by adopting the definition, classification, and usage as they appear in prescriptive grammars. As an alternative to such a simplistic approach, we propose a corpus analysis of the matter. Our hypothesis is that the data – a large amount of samples from Spanish native speaker productions – are able to reveal other uses and particularities of passive structures which might give us a better understanding of the subject.*

Keywords: *passive structures; Spanish; textbooks.*

* Mestrando do Programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanholas e Hispano-Americanas da Universidade de São Paulo.

1. O que dizem os livros didáticos e manuais de E/LE¹

Por questões de espaço e concisão, nosso propósito aqui não é realizar uma análise exaustiva de como o tema das passivas é tratado nos livros didáticos de E/LE. Portanto, selecionamos apenas alguns manuais² dentre os vários disponíveis no mercado brasileiro, e o critério que adotamos foi a boa aceitação desses materiais nas nossas escolas. Disponibilizamos a seguir uma síntese³ do que encontramos na análise:

1. Em geral não se fala de estruturas passivas, e sim de voz passiva, definindo-a como a *forma verbal* que indica que a pessoa/sujeito *recebe* a ação verbal, sendo portanto seu *paciente*. Dessa forma, a voz passiva surge em oposição à voz ativa, na qual a pessoa/sujeito *pratica* a ação verbal, convertendo-se em seu *agente*.
2. A voz passiva é classificada em dois tipos: passiva sintática (*frase verbal pasiva* ou *pasiva con ser*, formada com o verbo auxiliar *ser* + particípio) e passiva pronominal (*pasiva refleja* ou *pasiva con se*, com o pronome oblíquo *se* + verbo na 3ª pessoa).
3. A voz passiva se constrói com verbos transitivos diretos.
4. Usa-se a voz passiva nos seguintes casos: a) quando se quer destacar o paciente; b) quando o agente é desconhecido ou não se quer mencioná-lo; c) quando o agente é conhecido e não é necessário explicitá-lo. A passiva com *se* é sempre impessoal, ou seja, não explicita o agente.
5. A passiva com *se* é a mais utilizada na oralidade, enquanto a passiva sintática é típica da linguagem escrita, presente sobretudo nos jornais, folhetos, relatos históricos, guias turísticos etc.

Nesse tipo de abordagem, fica patente que a ênfase que se dá ao tema recai sobre o aspecto formal, ou seja, é esse o critério por excelência (que acaba se convertendo em fórmula) quando se pretende ensinar a reconhecer uma es-

¹ Espanhol como Língua Estrangeira.

² *Planet@*, de Cerrolaza et alii: *Libro del alumno*, vol. 1 (1998), 2 (1999), 3 (2000) e 4 (2000); *Libro de referencia gramatical*, vol. 1 (1998), 2 (1999), 3 (2000) e 4 (2000); *Uso de la gramática española*, de Castro, vol. 1 (1996), 2 (1997) e 3 (1997); *Claves del Español*, de Domínguez e Bazo (1994) e *Gramática básica del español*, de Sánchez e Sarmiento (2001)

³ Ressaltamos que o tratamento do tema varia muito entre um livro e outro. Por exemplo, Sánchez e Sarmiento (2001) dedicam dois comentários brevíssimos sobre as passivas, enquanto Domínguez e Bazo (1994) abordam a questão de forma mais distendida e com mais exemplos.

trutura passiva. O critério semântico (fundamentado nos papéis temáticos *agente* e *paciente*), de suma importância na questão, passa, nitidamente, a um segundo plano, assim como o caráter passivo intrínseco às formas verbais. Não se problematiza o fato de existirem outros possíveis papéis temáticos além dos de *agente* e *paciente* (na frase *la policía es temida por los manifestantes*, o constituinte *los manifestantes* não é um **agente**, como seria esperado na “fórmula” da passiva sintática, e sim um **afetado** pelo processo), nem a ocorrência de estruturas ativas com sentido passivo (*al ladrón lo detuvieron*, que tem clara correspondência com a passiva *el ladrón fue detenido*) e muito menos a impossibilidade de se construir a passiva com verbos transitivos diretos⁴ em determinadas situações (caso de: *los árboles tienen hojas*, **hojas son tenidas por los árboles*). Aprender as *estructuras pasivas*, portanto, transforma-se em aprender a *voz pasiva* tal como figura nos livros didáticos e em boa parte das gramáticas (sobretudo aquelas cujo enfoque é prescritivo): basta dominar as poucas regras apresentadas e praticá-las por meio de exercícios repetitivos, que consistem em converter frases ativas em passivas e vice-versa. Destaca-se o processo, a transformação, os artifícios que se usam para passar de uma forma a outra, como se fossem equivalentes em sentido e o falante optasse indiferentemente por uma delas. Esse modo de proceder corresponde a um imaginário de língua, de gramática, de ensino, que se reproduz na contramão das ditas e apregoadas inovações – o que por vezes as converte em pura maquiagem nos materiais didáticos e na fala do docente. Para concluir nosso raciocínio, ressaltamos que a tarefa mecânica de transformar ativas em passivas (e o contrário) acaba por adquirir o aspecto de um jogo ou brincadeira, ao fim da qual muitos estudantes se perguntam que finalidade poderia ter, dado o caráter arbitrário e vazio de sentido da tarefa. É claro, tal aspecto lúdico e automatizante não seria problemático caso se passasse desse momento a uma reflexão sobre as formas da língua, como funcionam em diferentes contextos e que sentidos e valores comportam nesses contextos. No caso específico das estruturas passivas, pensar, por exemplo, nos efeitos obtidos ao se enfatizar um sujeito paciente ou ao se omitir um agente.

⁴ É preciso esclarecer que, em espanhol, com relação à transitividade, os verbos são classificados apenas em **transitivos** e **intransitivos**, conforme a admissão ou não de um objeto direto. Nas palavras de Alarcos Llorach (1994: 280-81): “La posibilidad o imposibilidad de que el verbo admita objeto directo ha sido el criterio de clasificación de los verbos en *transitivos* e *intransitivos*. Cuando la actividad denotada por la raíz verbal requiere la especificación aportada por el sustantivo que funciona como objeto directo, se considera el verbo transitivo; en caso contrario, el verbo es intransitivo.”

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

2. Nossa proposta de estudo

Pensando no que foi dito na seção anterior sobre a abordagem das passivas nos manuais, propomos um caminho alternativo de tratamento da questão, por meio da lingüística de corpus: em vez de restringir as passivas a duas formas (“fórmulas”) – a sintática (com *ser*) e a pronominal (com *se*) –, identificar outras possíveis estruturas de conteúdo passivo nos dados obtidos em um corpus de referência da língua espanhola. A idéia é partir das amostras de uso da língua em textos autênticos e nelas buscar padrões lexicais e sintáticos relacionados ao nosso objeto de análise (estruturas passivas). O corpus de referência servirá para testar, validar e exemplificar hipóteses, além de servir como fonte de evidência quantitativa. Igualmente, a observação de padrões recorrentes de uso nos dados do corpus pode levar a que se formulem hipóteses sobre o objeto em estudo, demandando, assim, uma análise qualitativa. Um estudo dessa natureza poderia servir, posteriormente, para a elaboração de unidades e materiais sobre esse tema feitos com uma perspectiva mais ampla.

2.1 O corpus de referência

Utilizaremos o CREA – *Corpus de Referencia del Español Actual*, projetado e mantido pela *Real Academia Española* (RAE), que conta com aproximadamente 130 milhões de palavras⁵. Na composição do corpus entraram textos completos – tanto escritos (90%) quanto orais (10%) –, coletados a partir de 1975. Também no intuito de garantir um quadro representativo da língua espanhola no mundo, o CREA reserva 50% dos textos para a variante peninsular e dedica os outros 50% para as demais variantes (especialmente as americanas).

No intuito de oferecer a maior flexibilidade possível na obtenção de dados, o CREA está estruturado em diferentes módulos, o que torna possível que as consultas se refiram à totalidade dos textos ou unicamente àqueles que satisfaçam determinados critérios selecionados pelo usuário, por exemplo: CRONOLÓGICOS (trabalhar com apenas uma faixa temporal, por exemplo, de 1980 a 1990); GEOGRÁFICOS (trabalhar com uma só variante); MEIO (optar por textos publicados em jornais); TEMÁTICOS⁶ (escolher entre textos de ficção, científicos, artísticos

⁵ Este corpus está disponível para consulta gratuita no site <http://corpus.rae.es/creanet.html>

⁶ Os textos do corpus estão distribuídos em 7 hipercampos, que ainda contêm subdivisões. Por exemplo, o hipercampo FICCIÓN (22,5% do corpus) está subdividido em *novela, relatos e teatro*.

etc.). Apesar dessas vantagens, o sistema apresenta limitações referentes à quantidade de documentos recuperáveis – que está limitada a 2000 –, assim como à quantidade de exemplos, restrita aos primeiros 1000 de cada consulta⁷.

2.2 O caso a estudar

Pretendemos analisar neste trabalho a incidência de estruturas passivas com o verbo *pensar*. A razão de escolha desse verbo deve-se ao fato de o mesmo admitir tanto construções transitivas quanto intransitivas. Ademais, o verbo em questão parece ser bastante produtivo em construções intransitivas (*El hombre es un animal que piensa; El director nunca piensa sobre los problemas; Me ha dicho que piensa en mí todos los días*) e em outras que usualmente não admitem passivização (*Pienso que deberías volver a tu país; Pienso marcharme ahora mismo*), o que nos levaria a supor, em princípio, uma baixíssima incidência de passivas. É isso que tencionamos verificar a partir dos dados do CREA, além de observar se as passivas encontradas se limitam à classificação apontada nos manuais. Por questões de brevidade, faremos as seguintes delimitações:

1. Será utilizada apenas a variante peninsular; porém, não haverá restrições cronológicas, de meio ou de tema;
2. Restringiremos a pesquisa e análise às passivas com participípio. Fica excluída, portanto, a passiva pronominal (*pasiva refleja*).

Para familiarizar o leitor quanto aos usos mais frequentes de *pensar* em espanhol, transcrevemos acepções e exemplos oferecidos para o verbo no dicionário *María Moliner: Diccionario de uso del Español* (1998: 629-30). Apenas as acepções foram traduzidas para o português:

1. Formar e relacionar idéias; considerar; examinar; reflexionar; refletir: (intr.) *El oficio del filósofo es pensar*; (intr.) *Estaba pensando en ti en este momento. – ¿Y qué pensabas?*; (intr.) *Tengo que pensar sobre el asunto antes de dar una contestación*. (tr.): *Piénsalo cuanto antes*; (tr.) *Tengo que pensármelo mucho antes de aceptar*.
2. Decidir algo como consequência de ter pensado sobre um assunto: *He pensado que no me conviene ese negocio*.
3. Considerar; julgar; supor: *Yo pienso que no es ahora momento oportuno para eso*.

⁷ No caso de uma consulta para a qual o número de documentos/exemplos exceda o limite, o sistema oferece a possibilidade de filtragem (por documentos ou por casos), de maneira que o usuário tenha uma amostra representativa.

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

4. Ter intenção de fazer algo: *Pensamos marcharnos a primeros de mês.*
5. Inventar; conceber; imaginar un plano, procedimento ou meio para algo: (tr.) *Ya he pensado la manera de convencerle. Tengo pensado un plan magnífico para este verano.*
6. Aspirar a algo: (intr.) *Él piensa en una cátedra.*

3. Explorando o corpus

Primeiramente, fizemos consultas no CREA para as quatro formas de particípio do verbo *pensar*: *pensado*, *pensada*, *pensados*, *pensadas*. Os resultados podem ser visualizados na figura 1:

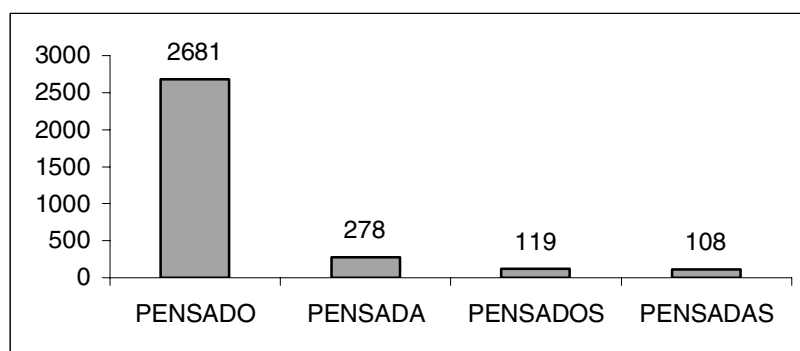


Figura 1: Total de ocorrências para as formas do particípio de *pensar*

O número elevado de ocorrências para *pensado* foi nosso primeiro problema, uma vez que o sistema não nos oferecia a possibilidade de separar do conjunto as incidências que não nos interessavam (caso dos tempos compostos). Para contornar essa dificuldade, decidimos analisar as ocorrências para as demais formas de particípio e, a partir dos padrões mais freqüentes de estruturas passivas encontrados, fazer consultas específicas com o particípio *pensado*. Por exemplo, se ocorrem no corpus as construções *fue pensada*, *fueron pensados* e *fueron pensadas*, é muito provável que também ocorra *fue pensado*; dessa maneira, com essa expressão fazemos nova consulta ao corpus e assim por diante. Como complementação desse procedimento, realizamos outras consultas a partir de nossa intuição acerca da língua espanhola.

As análises dos resultados foram feitas a partir de concordâncias fornecidas pelo sistema para as palavras ou expressões pesquisadas (figura 2).

10	.	_____
11	.	_____
12	,	_____
13	,	_____
14	,	_____
15	.	_____
16	.	_____
17	,	_____
18	,	_____
19	,	_____

Figura 2: Fragmento das concordâncias fornecidas pelo CREA para a forma ***pensada***

Após analisar as concordâncias para todas as consultas e agrupar os dados, encontramos os seguintes padrões para os participios de *pensar*:

- (1) verbo *ser* + participio (*pensado/a/os/as*), incluindo a conjugação de *ser* com tempos simples (*es pensado; fue pensada*, etc.) e com tempos compostos (*ha sido pensado*);
- (2) verbo + infinitivo de *ser* + participio (*pensado/a/os/as*), como em *puede ser pensado*;
- (3) verbo *estar* + participio (*pensado/a/os/as*), incluindo a conjugação de *estar* com tempos simples (*están pensados*) e com tempos compostos (apenas 1 ocorrência: *han estado pensados*);
- (4) verbo + infinitivo de *estar* + participio (*pensado/a/os/as*), como em *pueden estar pensados*;
- (5) verbo (diferente de *ser* e *estar*) + participio (*pensado/a/os/as*), como em *vienen pensadas*;
- (6) participio (*pensado/a/os/as*) com sentido passivo (*una exposición pensada para ser itinerante*);
- (7) verbo *tener* + participio (*pensado/a/os/as*), como em *tengo pensadas*;
- (8) advérbio *mal* + participio (*pensado/a/os/as*), equivalente a um adjetivo (*¡Qué mal pensada!*);

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

(9) advérbio *menos* + particípio (*pensado/a/os/as*), equivalente a um adjetivo (*el día menos pensado*).

As ocorrências de cada padrão podem ser visualizadas na figura 3:

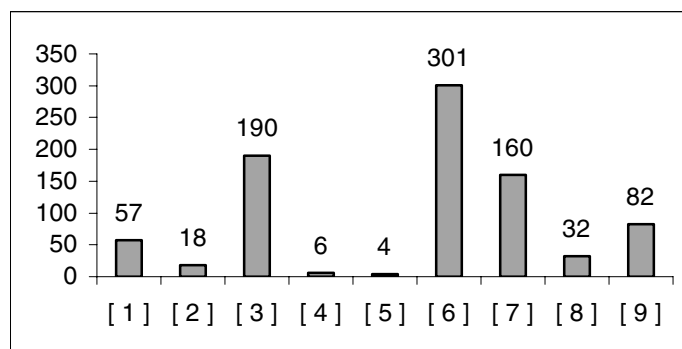


Figura 3: Padrões observados e suas ocorrências no corpus

Os padrões (7), (8) e (9) não foram considerados por nós como sendo estruturas passivas. No caso de (7), a estrutura *tener* + particípio expressa uma idéia próxima aos tempos compostos (*haber* + particípio), porém com um matiz de concretude que enfatiza o resultado da ação⁸, conforme se pode ver através dos exemplos:

(a) *Como muchos otros clubes, el Atlético de Madrid no ha podido concretar los partidos de la pretemporada porque está pendiente de la decisión de la Liga Profesional sobre el comienzo del campeonato. De cualquier forma, Javier Clemente ya **tiene pensadas** cosas al respecto y, sobre todo, ha decidido que quiere jugar pocos partidos.*

[CREA/España: ABC, 24/05/1989 (PRENSA), Tema 05: Deportes]

⁸ Nesse sentido, podemos considerá-la como uma **perífrase de resultado**, como o fazem alguns autores como Matte Bon (1995:101). Tal perífrase não é exclusiva do verbo *pensar*, ocorrendo com a maioria dos verbos, especialmente os transitivos. Apesar de esse padrão estar fora do nosso escopo, vale ressaltar que o mesmo ocorre 160 vezes no corpus de estudo, em torno de 5% das incidências; se considerássemos o uso de *tener* com outros particípios, esse percentual seria ainda maior. Por isso mesmo, parece-nos curioso que essa estrutura esteja ausente dos manuais e livros didáticos, uma vez que parece ser bastante utilizada na língua espanhola, como revela o corpus.

- (b) *Antes de esa intervención médica, Gallagher estaba planeando su retorno. El músico **tenía pensado** ofrecer una gira por el Reino Unido e Irlanda antes de iniciar su visita al resto de Europa.*

[CREA/España: *La Vanguardia*, 16/06/1995 (PRENSA), Tema 04: Música]

As estruturas (8) e (9) possivelmente continham rasgos passivos na origem, porém atualmente são expressões adjetivas (ou atributivas) fossilizadas, que integram o repertório fraseológico da língua espanhola. No caso de (8), a expressão *malpensado/a* pode ser traduzida como “desconfiado/a”, “malicioso/a”, “que pensa mal de algo/alguém”, e ocorre junto a nomes ou como atributo:

- (c) – *Os habrá contado que soy un cobarde o quizá algo peor, un afrancesado. – No ha dicho nada de eso, no seas **mal pensado**. Al contrario, comprende tus dudas.* [CREA/España: 1986; Gabriel y Galán, José Antonio (FICCIÓN), Tema 07: Novela]

- (d) – *Quien sabe, a lo mejor es para tapar todo lo que salga mal, o para ocultarse de la mirada severa del señor ministro que tiene las riendas de la economía. O puede ser, y será un simple error, que hay que ver qué **mal pensada** es la gente.* [CREA/España: ABC, 24/12/1983 (PRENSA), Tema 03: Política]

Em se tratando de (9), *menos pensado* aparece freqüentemente com palavras relacionadas a tempo (preferencialmente com *día*) para indicar que o fato ao qual nos referimos ocorrerá de maneira inesperada⁹:

- (e) *Ya no podemos negar la existencia del SIDA, ya que no es posible seguir ocultando la cabeza como dicen que hace el avestruz, preferimos creernos que por “arte de magia”, el día **menos pensado**, la pesadilla habrá concluido.*

[CREA/España: 1987, Lorenzo, Ricardo; Anabitarte, Héctor; Tema 06: Salud]

⁹ O padrão (9) ocorre 82 vezes no corpus de estudo (cerca de 2,6% das incidências), e vale aqui o mesmo comentário feito anteriormente para *tener* + participio: apesar da freqüência considerável, esse padrão não aparece nos manuais didáticos consultados. É curioso que, tampouco, esteja registrado no dicionário RAE (2001) ou em outros consultados, como o VOX (1997) e o *Clave* (2000); a única exceção foi o *María Moliner* (2001).

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

- (f) *Soy esposa y madre día y noche, qué remedio, pero en el momento **menos pensado**, yendo por la calle, por ejemplo, la mirada de un desconocido puede hacerme soñar... ¿Me comprende? No, supongo que no -sonríe nuevamente con aire de tomarle el pelo-. Usted no me conoce.*
[CREA/España: 2000; Marsé, Juan: *Rabos de lagartija* (FICCIÓN), Tema 07: *Novela*]

Com a exclusão dos padrões (7), (8) e (9), ficamos com 576 ocorrências de passivas no corpus. Uma estimativa para as formas ativas do verbo *pensar*, também através de pesquisas no CREA¹⁰, fornece aproximadamente 28.346 casos. Portanto, uma conta simples nos revela percentuais de 98% para as ativas e apenas 2% para as passivas com participio, o que vem ratificar o caráter da passiva como uma estrutura marcada. Vale recordar que neste estudo não foi investigada a passiva pronominal (com o pronome *se*, ou *pasiva refleja*) com *pensar*. É certo que, caso fossem computadas as pronominais, aumentaria o percentual de passivas no corpus; ainda assim, tal acréscimo pouco afetaria os resultados, já que a preferência dos hispanofalantes parece ser mesmo pelas construções ativas¹¹. Fato observado nas construções passivas do corpus foi a presença do **desencadeador**¹² (**agente**, se pensamos na denominação clássica para a função) em posição secundária (3,8%) ou sua ausência (96,2%), o que parece corroborar a hipótese de Duarte (1990), segundo a qual a função básica das passivas seria a **detematização** do sujeito/agente (desencadeador), por meio da sua

¹⁰ Para essa pesquisa, utilizamos formas lematizadas do verbo (*piens**, *pensab**, *pensar** e *piensas**) e em alguns casos tivemos que entrar com as próprias formas do verbo (*pensamos*, *pensáis*, *pensó*, etc.). Isso se deveu ao fato de que o corpus de referência não dispõe de uma versão marcada morfologicamente, que nos permitisse selecionar apenas as formas verbais (excluindo automaticamente as não verbais, como *pensamiento/s*, *pensador/a/es/as*, *pensativo/a/os/as*, *pensión*, *pensionista/s*, etc.).

¹¹ Pode-se comprová-lo pelo estudo realizado por Barrenechea e Manacorda de Rosetti (1979: 65) para o espanhol falado em Buenos Aires, para o qual as ativas ocorrem em 97,81% dos casos. Como se pode ver, tais resultados estão muito próximos aos que obtivemos com a análise dos dados do CREA, para a variante peninsular.

¹² Os conceitos de **desencadeador** e **afetado** provêm do trabalho de Cañado (Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: Müller, A.L.; Negrão, E.; Foltran, M.J. *Semântica Formal*, São Paulo, Contexto, 2003, p. 95-124), cuja proposta é a definição dos papéis temáticos não como noções (agente, paciente, instrumento, força etc.) e sim como uma composição de propriedades (desencadeador, afetado, estado e controle) atribuídas a um dado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento se encontra.

omissão [ver exemplo (g) abaixo] ou recodificação (passando o agente/desencadeador para uma posição secundária na estrutura, regido de preposição; ver exemplo (h)).

Façamos agora algumas considerações específicas sobre os padrões que classificamos como passivos.

A estrutura (1), ou passiva sintática (*ser* + particípio), ocorre 57 vezes no corpus e parece estar vinculada a contextos de alto grau de formalidade, relacionados principalmente às ciências humanas (filosofia, história, etc.); o verbo *pensar* é usado aqui para designar entidades concebidas pela razão, numa acepção que está distante da linguagem corrente:

(g) *La ciudadela, una especie de sarcófago pentagonal, queda encima de una peña encrespada. Pero parece que no **fue pensada** como castillo, sino como santuario.*

[CREA/España: *La Vanguardia*, 23/06/1994 (PRENSA), Tema 02: Historia]

(h) *Mientras las máquinas son productos de nuestra inteligencia, los seres humanos **somos «pensados»** y contruidos por nuestros genes egoístas.*

[CREA/España: 1995; Acero, Juan José, *Teorías del contenido mental*; Tema 02: Filosofía]

No exemplo (g) podemos atribuir à passiva sintática a função de **detematização** do **agente/desencadeador**, com conseqüente omissão desse elemento. Conseqüentemente, a posição de destaque e relevo no discurso (tema) passa ao elemento afetado/paciente *la ciudadela* (não presente na frase, porém recuperável no contexto); em resumo, é o processo de **tematização**¹³ do **afetado/paciente**. Em (h) a passiva sintática também detematiza o agente/desencadeador, conferindo-lhe uma posição secundária; porém, embora em segundo plano do ponto de vista temático, esse agente detematizado converte-se num elemento de realce (foco) e introduz informação nova na estrutura (os genes egoístas que, segundo o autor, são os que “pensam” e constroem os seres humanos): é o processo de **focalização** do **agente/desencadeador**.

¹³ O uso da *impersonal activa*, se aplicado a esse exemplo, teria a mesma função de tematização: (...) *Pero parece que no **la pensaron** como castillo, sino como santuario*. Mesmo sendo uma estrutura ativa, é evidente seu caráter passivo, o que também ratifica, de outra perspectiva e com outras formas, o parentesco entre as passivas e as chamadas *impersonales* do espanhol (nossas indeterminadas).

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estructuras Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

A estrutura (2), verbo + *ser* + participípio, ocorre associada a um efeito de **modalização** próprio do discurso científico (formal, portanto), no qual é comum que se evitem as afirmações categóricas sobre o tema/objeto tratado. Não é por acaso que o verbo *poder* aparece como o mais freqüente nas incidências (do total de 18, 50% ocorrem com esse verbo), seguido de outros modais como *parecer* e *deber*:

- (i) *La noción misma de estímulo se convierte así en la principal dificultad: el spot ya no **puede ser pensado** tan sólo como el estímulo que genera una conducta, sino como el objeto mismo de una nueva conducta difícilmente homologable: la de consumir spots.*

[CREA/España: 1995; González Requena, Jesús; Ortiz de Zárate, Amaya, El spot publicitario. Las metamorfosis del deseo; Tema 04: Publicidad]

Verbos não modais também aparecem com (2), relacionados a outros efeitos de sentido. É o caso de *volver*, que introduz um matiz reiterativo, conforme o exemplo a seguir:

- (j) *La Paleontología posterior al histórico coloquio de Princeton de 1947 no podía orillar a partir de entonces ideas y conceptos biológicos cuyo conocimiento se hacía inexcusable para la correcta interpretación de los conjuntos fósiles. De nuevo, la Paleontología **volvía a ser pensada** realmente como ciencia biológica.*

[CREA/España: 1987; Truyols, Jaime, Desarrollo histórico de la Paleontología contemporánea en España; Tema 01: Zoología y Paleontología]

No que diz respeito à estrutura (3) (*estar* + participípio), não existe um consenso quanto a classificá-la como passiva. Não aparece como tal nos manuais didáticos, e o mais comum é que a definam como uma perífrase de resultado [Matte Bon (1992:101)]. Consideramos que (3) é uma passiva, pondo-nos de acordo com as afirmações de Gili Gaya (1978:125): “La acción verbal que expresa la pasiva con *ser* se produce en el tiempo que expresa el verbo auxiliar: *el suceso es, era, fue, será comentado*. Con *estar*, la acción se da como terminada y cumplida antes del tiempo que indica el auxiliar: decimos que un problema *está resuelto* (presente), cuando *ha sido resuelto* (antepresente); decimos que *estaba resuelto* (imperfecto), cuando *había sido resuelto* (pluscuamperfecto); que *estará resuelto* cuando *habrá* o *haya sido resuelto*; es decir, que *estar resuelto* es el resultado de *haber sido resuelto*”.

Vejam os exemplos do corpus:

- (k) *La «nacionalidad infantil» **está pensada** para los extranjeros de tercera generación. Podrán obtenerla los niños nacidos en Alemania y uno de cuyos padres también haya nacido aquí, además de otros requisitos.*
[CREA/España: *La Vanguardia*, 15/11/1994 (PRENSA), Tema 03: Política]

Além de expressar o resultado de uma ação acabada, a estrutura tem um matiz de atualização, muito provavelmente associado ao sentido local de *estar*. Ou seja, quando dizemos que *la nacionalidad infantil **está pensada**...*, fica clara a vinculação do tema com o momento presente; tal matiz não seria obtido caso disséssemos que *la nacionalidad infantil **fue pensada**...*: nesse caso, enfatizaríamos apenas a ação, e não a atualidade do tema. Portanto, não é à toa que a passiva com *estar* seja recorrente no gênero publicitário (*un coche que está pensado para toda la familia* etc.). Diferente do observado para *ser + pensado/a/os/as* – identificada ao discurso mais formal (sobretudo o científico) ^{3/4}, a passiva com *estar + pensado/a/os/as* se revela mais permeável a outros gêneros, transitando do informal ao formal; também incide no corpus três vezes mais que sua “concorrente”.

Observando os exemplos do corpus para o padrão, vimos que a ocorrência mais freqüente é *estar + pensado/a/os/as + para* (308 casos), seguido de um nome (normalmente na função de **beneficiário**, como no exemplo (k) acima) ou de uma forma verbal infinitiva ou conjugada (antecedida por *que*), que resulta numa expressão de finalidade:

- (l) *Los equipamientos de la localidad **están pensados** para satisfacer las necesidades de los vecinos y, en lo que a educación se refiere, en principio, la situación de partida es bastante equilibrada, pudiendo garantizar la escolarización de todo el municipio.*
[CREA/España: *El mundo – Su vivienda* (Suplemento), n.º. 236, 18/01/2002 (PRENSA), Tema 05: Vivienda]

O padrão (4) – verbo + infinitivo de *estar* + participio – é bastante semelhante ao (2) nos usos, portanto relacionado aos efeitos de modalização do discurso. Também em (4) a preferência nas ocorrências é para o verbo *poder*:

- (m) *En esta ocasión, al igual que en tantas otras, no lo tuvieron demasiado fácil, a pesar de que la respuesta que se les exigía ante el clima de crispación reinante **podía estar pensada** y reflexionada. Y la respuesta que ofrecieron*

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estructuras Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

no convenció a muchos, porque todavía colea el asunto y no se ha retirado totalmente la marejada.

[CREA/España: *El Norte de Castilla*, 15/06/2002 (PRENSA), Tema 03: Iglesia]

O padrão (5) – verbo (diferente de *ser* e *estar*) + *pensado/a/os/as* – foi o que teve menor número de ocorrências (apenas 4), e talvez mereça nosso comentário exatamente por isso: usar uma estrutura de baixa frequência não raro se relaciona a uma busca de expressividade ou efeitos de sentido que as soluções mais correntes na língua não oferecem. Vejamos o exemplo a seguir:

(n) (...) *asuntos que de ninguna manera pudiesen parecer inventados sobre la marcha para llenar huecos, sino que tenían la solidez, la consistencia, la armazón de las cuestiones que, de tiempo atrás, vienen pensadas y ordenadas, y siguen al individuo como la piel al cuerpo.*

[CREA/España: 1984; Ayerra, Ramón, *La lucha inútil* (FICCIÓN), Tema 07: Novela]

A passiva com *venir* é classificada por Lorenzo(1980) como *inconclusa* (não concluída), e destaca um processo que se iniciou no passado e segue em andamento no presente. O verbo *venir* também enriquece a estrutura com um matiz iterativo, de recursividade: as **questões** referidas no exemplo sempre voltam a **ser pensadas**, em busca do refinamento e da solidez.

Finalmente, o padrão (6) – mais freqüente dentre todos os tratados neste estudo – consiste no particípio (*pensado/a/os/as*) com sentido passivo, sem nenhum auxiliar. A estrutura em questão é classificada por Moino (1989: 40) como passiva lexical. Pode ocorrer dentro do sintagma nominal¹⁴:

(o) *Esta vez la llamada fue al final de la cumbre pensada por la OTAN para celebrar su 50 aniversario, pero que resultó opacada por la crisis de Kosovo.*

[CREA/España: *El Diario Vasco*, 27/04/99 (PRENSA), Tema 03: Política]

E também encabeça construções apositivas, conforme o exemplo:

(p) *La editorial Trotta ha comenzado a publicar la obra del filósofo J.L.L. Aranguren. La obra, pensada por el momento en seis volúmenes, contiene*

¹⁴ Observar que o exemplo na seqüência (o) vem com agente explícito: *la OTAN*.

Crop, 10, 2004

en su primero lo que bajo el título Filosofía y religión pertenece a la época temprana del profesor Aranguren.

[CREA/España: *El Mundo*, 24/09/1994 (PRENSA), Tema 02: Literatura]

O padrão (6) incidiu 301 vezes no corpus, superando as passivas com *ser* (57) e *estar* (190). A razão dessa preferência parece estar relacionada à busca de maior concisão no discurso escrito. De fato, a passiva lexical torna possível um “enxugamento”, uma condensação do discurso, sem prejuízos para o entendimento do leitor. Basta ver como (o) resultaria mais extensa, desnecessariamente, caso introduzíssemos a passiva sintática: *Esta vez la llamada fue al final de la cumbre **que fue pensada** por la OTAN para celebrar su 50 aniversario, pero que resultó opacada por la crisis de Kosovo.* A explicação faz sentido se pensamos que a maioria dos exemplos do corpus provém de artigos jornalísticos, cuja limitação de espaço impõe que se diga o máximo com um mínimo de palavras.

Pensando neste estudo como um todo, o levantamento das passivas com participio para o verbo *pensar* a partir do CREA, mais que confirmar o que se diz nos manuais e gramáticas acerca do assunto, revela padrões freqüentes na língua espanhola (caso de (3) e (6)) que não aparecem nessas publicações. As amostras do corpus também sinalizam a relevância das funções temáticas, das funções informativas (pragmáticas) e dos gêneros do discurso para a abordagem das passivas, o que nem sempre é levado em conta nos materiais didáticos de E/LE.

E aqui termina nossa análise. Reconhecemos que o estudo teria ficado mais completo caso tivéssemos incorporado as passivas pronominais com *pensar*; optamos por não fazê-lo, já que teria sido necessário incorporar à análise as estruturas impessoais (que muitas vezes se confundem com as passivas pronominais), aumentando em muito o escopo deste trabalho. Entretanto, a partir dos resultados que obtivemos, nada impede retomar este estudo em outra oportunidade, não só incluindo as pronominais e impessoais, como também o trabalho com enunciados orais.

4. Conclusão

Em nosso estudo nos propusemos a analisar as estruturas passivas com participio para o verbo *pensar*, a partir de amostras do discurso escrito coletadas de um corpus de referência da língua espanhola. Feitas as descrições e os comentários acerca dos principais padrões observados, fica clara a necessidade de ampliar o repertório presente nos manuais didáticos com respeito ao tema: por um lado, explorar com mais propriedade os usos das passivas, não a partir de noções

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José de. *Estruturas Passivas no Espanhol Escrito: um Estudo de Caso Utilizando a Lingüística de Corpus*.

que se pretendem gerais (os papéis temáticos fixos de agente e paciente, a transitividade dos verbos, etc.), e sim por meio dos gêneros do discurso em que ocorrem e das funções informativas que estão em jogo (por exemplo, o foco); por outro lado, introduzir outras estruturas passivas, como aquelas com o verbo *estar* e as passivas lexicais. Dessa forma, o manejo do corpus de referência possibilitou-nos tanto a confirmar as hipóteses já lançadas sobre o assunto, quanto revelar de novos padrões de uso das passivas. Finalmente, os resultados que obtivemos nesta análise também nos permitiriam vislumbrar na lingüística de corpus uma ferramenta poderosa no e para o ensino da gramática – o que nos servirá de tema e inspiração para futuros trabalhos nessa área.

Referências Bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1970. p.90-94, 124-132.
- _____. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- ALVAR EZQUERRA, M. (Ed.). *Vox: Diccionario Avanzado de la Lengua Española*. 15.ed. Barcelona: Bibliograf, 1997.
- BARRENECHEA, A. M.; MANACORDA DE ROSETTI, M. V. La voz pasiva en el español hablado en Buenos Aires. In: *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires, Hachette, 1979. p. 61-72
- CASTRO, F. *Uso de la gramática española: elemental*. Madrid: Edelsa, 1996.
- _____. *Uso de la gramática española: elemental*. Madrid: Edelsa, 1996.
- _____. *Uso de la gramática española: intermedio*. Madrid: Edelsa, 1997.
- _____. *Uso de la gramática española: avanzado*. Madrid: Edelsa, 1997.
- CERROLAZA, M.; CERROLAZA, O.; LLOVET, B. *Planet@ 1: Libro del alumno*. 2.ed. Madrid: Edelsa, 1998.
- _____. *Planet@ 1: Libro de referencia gramatical*. 2.ed. Madrid: Edelsa, 1998.
- _____. *Planet@ 2: Libro del alumno*. Madrid: Edelsa, 1999.
- _____. *Planet@ 2: Libro de referencia gramatical*. Madrid: Edelsa, 1999.
- _____. *Planet@ 3: Libro del alumno*. Madrid: Edelsa, 2000.
- _____. *Planet@ 3: Libro de referencia gramatical*. Madrid: Edelsa, 2000.
- _____. *Planet@ 4: Libro del alumno*. Madrid: Edelsa, 2000.
- _____. *Planet@ 4: Libro de referencia gramatical*. Madrid: Edelsa, 2000.
- DOMÍNGUEZ, P.; BAZO, P. *Claves del Español: Gramática Práctica*. Madrid: Santillana, 1994.
- DUARTE, Y. As passivas do português e do inglês: uma análise funcional. In: *Revista D.E.L.T.A*, v. 6, n. 2. São Paulo, 1990. p. 139-167.
- GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 12.ed. Barcelona: Bibliograf, 1978. p. 121-129.

Crop, 10, 2004

- LORENZO, E. Sobre el talante y el semblante de la lengua española. In: *El español y otras lenguas*. Madrid: SGEL, 1980. p. 17-22.
- MALDONADO GONZÁLEZ, C. (Ed.). *Clave: Diccionario de uso del español actual*. 4.ed. Madrid: SM, 2000.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1992. v.1, p. 101.
- MOINO, R. E. L. Passivas nos discursos oral e escrito: No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... O que estamos fazendo no oral! In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 35-50.
- MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. 2.ed. Madrid: Gredos, 1998.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *CREA – Corpus de Referencia del Español Actual*. Disponível em < <http://corpus.rae.es/creanet.html> >. Acesso no período de 30/05/04 a 15/07/04.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 22.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001.